

ARTHUR BERNARDES: REDES DE CONTATO, OLIGARQUIAS E A IMPRENSA COMO PROJEÇÃO POLÍTICA LOCAL NO INÍCIO DO SÉCULO XX.

Natália Fraga de Oliveira.
Mestra em história
Universidade Federal de Ouro Preto.
nataliafraga84@hotmail.com

RESUMO: Este artigo se refere à inserção política do jovem Arthur da Silva Bernardes, ocorrida em Viçosa, Minas Gerais, o que possibilitou um estudo de redes de contatos, tendo como consequência a identificação de diversos grupos políticos que disputavam pelo poder local. Para isso, foi utilizado, como fonte principal, o jornal *Cidade da Viçosa*, o que possibilitou um estudo regional voltado para as origens da formação administrativa do município de Viçosa. Este artigo necessitou do uso de extensa bibliografia, as quais são: Viscardi (2001; 2012; 2016...), Melo (2009), Gomes e Abreu (2009), Malin (2015), Leal (1978) dentre muitos outros que foram surgindo à medida do necessário. Em vista disso, apresentamos como se deu o surgimento de Arthur Bernardes na vida pública e algumas condições que contribuíram para a sua ascensão como novo chefe local de Viçosa. Tais condições de possibilidade de inserção na política municipal estava muito relacionada a utilização do jornal *Cidade da Viçosa* como mecanismo das propagandas do Partido Republicano Mineiro e, ao mesmo tempo, a utilização da imprensa local para atacar moralmente os inimigos políticos.

Palavras-chave: Arthur Bernardes, *Cidade da Viçosa*, política local.

1- O SURGIMENTO DE UM NOVO CHEFE LOCAL EM VIÇOSA.

De acordo com Malin (2015), quando criança, Arthur Bernardes estudou em Viçosa e, aos 12 anos, matriculou-se no tradicional Colégio do Caraça, no qual não pôde permanecer por motivos financeiros. Em vista disso, empregou-se na firma *Pena e Graça*, sediada no distrito de Coimbra – MG, na qual seu cunhado, José da Graça Sousa Pereira, era sócio. A empresa realizava a atividade de intermediação na compra e venda de café. Seu contato com o comércio agrícola estreitaram-se muito mais com sua

passagem pela *Casa Telles*, em Visconde do Rio Branco, MG, fundada pelos portugueses Adriano Telles e Abílio Mesquita.

Tudo indica que a empresa de Adriano Telles buscava colocar em prática todas as alternativas para a consolidação do comércio do café na Europa. O português via a propaganda prática direta ao consumidor como uma saída, pois poderia convencer que o café brasileiro possuía um excelente padrão de qualidade. Para ele, seria uma forma honesta de vender o produto, já que haveria aprovação imediata do próprio cliente. Outro mecanismo de divulgação e reforço da sua propaganda foi a fundação do jornal *A Brasileira*, que divulgava tanto as notícias oriundas do Brasil quanto os eventos produzidos pelo grupo *Adriano Telles*, em Visconde do Rio Branco e região, além dos negócios realizados na Europa.

Foi neste ambiente, com a forte presença de uma imprensa que utilizava a propaganda para justificar e alcançar os seus objetivos, que Arthur Bernardes chegou ao cargo de guarda livros (contador). Ser guarda livros de uma grande casa atacadista significava possuir grande conhecimento a respeito dos negócios realizados pela empresa e, ao mesmo tempo, possuir grande contato com os donos do estabelecimento e, conseqüentemente, adquirir uma maior compreensão da missão da empresa e da sua política de propaganda para a realização dos seus serviços.

Voltando à trajetória de formação acadêmica de Arthur Bernardes, sabe-se que Afonso Pena realizou alterações na legislação educacional, permitindo matrículas avulsas no Externato do Colégio Mineiro aos interessados em prestar os exames finais do curso ginásial. Tais alterações na legislação, de acordo com Malin (2015), foram muito importantes para o ingresso de Bernardes no curso de Direito, iniciado em Ouro Preto e transferido para São Paulo. A transferência de faculdade e seus variados trabalhos para auxiliar na manutenção dos estudos podem ser pensados de forma positiva, no que se refere à sua ampliação de redes de contato, pois, ao residir em São Paulo, desenvolvendo atividades intelectuais, ele teve a oportunidade de conhecer diferentes grupos de pessoas que podem ter influenciado o seu pensamento político.

Sendo assim, segundo Magalhães (1973), após se tornar Bacharel em Direito e retornar a Viçosa, MG, Arthur Bernardes, em 1903, se casou com Clélia Vaz de Melo, filha do senador, Carlos Vaz de Melo, o fundador do jornal *Cidade da Viçosa*. Logo em

seguida, o nome de Bernardes foi indicado pelo Partido Republicano Mineiro a concorrer ao cargo de vereador pelo distrito de Teixeira, pertencente à Viçosa. Em meio a todos os últimos acontecimentos na vida de Arthur Bernardes, o seu sogro, Vaz de Melo faleceu, o que abriu espaço para a sua atuação como redator chefe do jornal *Cidade da Viçosa* e representante do Partido Republicano local.

É muito importante entender a situação do município de Viçosa para que haja uma melhor compreensão da atuação política de Arthur Bernardes na sua fase inicial. Neste sentido, de acordo com Carvalho (2017), a ocupação do município iniciou-se em 1745, devido ao desenvolvimento da cultura do café.

Desse modo, ocorreu um povoamento acelerado que alterou a condição de curato da cidade em um espaço de cinquenta anos. O nome inicial era Santa Rita do Turvo (1832-1876) e, mais adiante, Viçosa de Santa Rita (1876 – 1911) contendo sete distritos sedes: Teixeira, Coimbra, São Vicente do Grama, São Miguel do Anta, Eral, Pedra do Anta, Cajuri.

Ainda de acordo com Carvalho (2017), a expansão do núcleo urbano estava vinculada ao café, além do impulso dos imigrantes italianos e libaneses, que vieram trabalhar na indústria e no comércio. Neste sentido, a partir de 1900, a administração pública do município inicia a abertura da Avenida Santa Rita e a construção da estação ferroviária no centro da cidade. Ocorria uma expansão urbana no município e, neste instante, Viçosa de Santa Rita contava com cerca de 2.000 habitantes.

Desse modo, é importante entender a formação do município de Viçosa para a melhor compreensão da situação política no Brasil Republicano do início do século XX, pois, segundo Leal (1978), o poder local era de grande importância para a administração pública, abrangendo patamares até mesmo nacionais, pois eram os chefes locais, na figura do coronel, que conquistavam o eleitorado. Entretanto, nosso estudo restringe-se à política local viçosense.

Assim, vale ressaltar que o município de Viçosa, no início do século XX, era chefiado por dois fortes líderes locais que, juntos, faziam política. Um deles era o então sogro de Arthur Bernardes, o senador Carlos Vaz de Melo, natural de Vila Nova de Lima, atual Nova Lima, em Minas Gerais. Vaz de Melo foi juiz, deputado no período do Império e senador na República. Com base nos dados de Souza (2015), é possível

compreender que, além de administrar sua fazenda e duas fábricas de tecido, o senador foi o fundador do jornal *Cidade da Viçosa* no qual Arthur Bernardes iniciou colaborações antes do matrimônio com a filha do mesmo.

O senador teve uma trajetória de vida um pouco próxima à de Arthur Bernardes. De acordo com Souza (2015), ingressou no curso de Direito em São Paulo e, após três anos do início de seus estudos, o seu pai foi assassinado, o que o obrigou a trabalhar para se sustentar durante a graduação. É muito válido questionar o porquê das biografias de políticos contemporâneos a Arthur Bernardes e Vaz de Melo colocar a situação de estudante e trabalhador intelectual como uma atividade penosa. Pois o trabalho de Vaz de Melo era taquigrafar as aulas de seus professores e organizar as matérias de seus colegas, nada que o prejudicasse academicamente, muito pelo contrário, tal labor o colocaria numa situação intelectual muito a frente de seus colegas de classe. Dessa forma, após bacharelar-se, voltou a morar em Minas Gerais, onde exerceu a profissão de advogado por um ano. Logo após, tornou-se juiz municipal da comarca de Ubá, delegado de polícia da mesma, até que foi designado juiz de Santa Rita do Turvo, atual Viçosa.

Outro forte chefe local de Viçosa era José Teotônio Pacheco, natural de São José do Barroso, distrito de Rio Branco. De acordo com o arquivo da Câmara Municipal de Viçosa, Pacheco era advogado, residente em Viçosa, e governou o município também como Agente Executivo Autônomo. Dessa forma, Arthur Bernardes ao se tornar vereador e redator chefe do jornal herdado do sogro, iniciou árduos embates políticos com o grupo liderado por Teotônio Pacheco que outrora foi aliado político de Carlos Vaz de Melo.

2- A IMPRENSA REPUBLICANA.

Neste momento, acreditamos ser muito importante realizar algumas considerações acerca da dimensão da imprensa nas origens do regime republicano, em vista de estabelecer conexões do *Cidade da Viçosa* com a relevância da imprensa na Primeira República brasileira.

Barbosa (1990) destacou que a segunda fase da imprensa brasileira iniciou em 1880. Tal período foi marcado por maiores investimentos, maiores consumos de papel e renovação das gráficas; segundo o autor, o jornal estava adquirindo a dimensão empresarial. Dessa forma, a tipografia foi perdendo suas características artesanais para enveredar-se por uma linha de produção que necessitava de maior aparelhamento técnico e mão de obra competente. Tudo isso não ocorreu apenas na estrutura física do jornal, segundo Barbosa (1990), pois o leitor também se tornou mais exigente com a edição, o que refletiu no mercado, já que este precisou oferecer conteúdo de aparência mais atrativa ao público. Essa fase da imprensa foi marcada por inovações técnicas, maior divisão do trabalho e diminuição de custos, ou seja, estava ocorrendo um processo de transformação na imprensa em toda a sua estrutura, desde aos procedimentos mecânico até o editorial.

Dessa forma, o jornal *Cidade da Viçosa*, que nasceu em 1892, isto é, na segunda fase da imprensa, aparentava alguns indícios de modernidade. Apesar de o jornal ser produzido a partir de uma oficina que dependia de materiais oriundos da capital e, ao mesmo tempo, não ser um impresso que atingisse dimensões gigantescas, o semanário apontava índices de certa inserção na lógica do jornalismo empresarial, conforme explicitado por Barbosa (1990).

Dentro desta lógica, o jornal *Cidade da Viçosa*, na sua linguagem política, procurava construir e desconstruir indivíduos bem específicos aos seus interesses. Nos tempos de Vaz de Melo, prevalecia a exaltação dos republicanos. Todavia, na gestão de Arthur Bernardes havia a exaltação dos aliados políticos e, ao mesmo tempo, a construção dos “inimigos políticos”, mais precisamente, a “demonização” dos pertencentes ao grupo de José Teotônio Pacheco, no qual ocorreu uma ruptura de aliança política.

3. ANTIGOS CHEFES LOCAIS DE VIÇOSA E A IMPRENSA.

“Dr.” Arthur Bernardes - Chegou a esta cidade, em dias da semana passada o inteligente e distinto acadêmico, Arthur Bernardes, uma das glórias da alta sociedade viçosense e um verdadeiro “gentleman”. Quem, como nós, tiver a felicidade de, pela primeira vez, tratar com

tão delicado cavalheiro, se convencerá gratamente de que todos os qualificativos que usamos falando do talentoso Arthur Bernardes estão ainda muito aquém de seus reais merecimentos. Oxalá que todos os moços de Viçosa aprendam neste grandioso livro a ser tudo por si e por seu talento somente (LIMA, 1983, apud Jornal Cidade da Viçosa. Ed. 228. Domingo, 19 de dezembro de 1897. Localizado no Arquivo Central e Histórico da Universidade Federal de Viçosa).

A partir do trecho acima fica evidente que o jornal *Cidade da Viçosa* procurava traçar o perfil de determinados jovens para que aparentassem possuir elevado *status* social. Na notícia acima, o semanário procurou construir a imagem de Arthur Bernardes muito próximo dos valores burgueses da época. O que poderia provocar empatia com alguns de seus leitores. Dito isso, é possível considerar que o jornal desde a sua fase inicial procurava dar destaque a determinados grupos sociais como os dos advogados. Muito disso, pode estar relacionado à representatividade republicana do semanário, cujo *layout* constava a presença da frase “Órgão do Partido Republicano”.

Sendo assim, o semanário se posicionava como órgão divulgador dos interesses republicanos e, de certa forma, procurava trabalhar uma linguagem moderna que fosse condizente ao novo regime político que nascia no Brasil. Entretanto, a República contava com a forte presença do poder privado nos municípios, os chefes locais ou os coronéis, o que muito contribuiu com acirradas disputas, tendo como meio dos embates a imprensa. Por este motivo, que muitos grupos políticos se manifestavam na imprensa, o *Cidade da Viçosa*, e buscavam aproximar os seus inimigos ao regime monárquico com o uso de uma linguagem pejorativa.

Tendo em vista a ideia desses chefes locais de Viçosa está ligada às origens do município, naquele momento, eles estavam também inseridos neste contexto de modernidade no Brasil Republicano. Neste sentido, de acordo com Gomes (2005), o que vem sendo definido como modernidade ao longo do tempo está relacionada, diretamente, às descobertas científicas, às transformações das tecnologias e, conseqüentemente, à crescente industrialização em nível mundial. Sendo assim, a modernidade atingiria a vida social dos homens urbanos, não deixando de afetar o mundo rural. E a imprensa se apresentava como “espaço público ideal” neste processo de modernização republicana.

Dessa forma, de acordo com Melo (2009), a Proclamação da República pode ser pensada como um acontecimento moderno com características muito peculiares do Brasil. Este momento foi de transformações sociais em alguns aspectos, que podem se apresentar como inovadores, exemplo disso foi a inclusão de novos vocábulos na imprensa, o que poderia interferir na mentalidade e nas relações sociais da população.

Nesta lógica, no jornal *Cidade da Viçosa* as palavras que remetiam à República procuravam dar um sentido mais popular aos textos publicados, sendo muito frequente o uso de vocábulos como liberdade, soberania popular, chefe eleito pelo povo, talento, mérito, progresso, federalismo, ciências, ferrovias, mão de obra, melhoramento de clima, máquinas agrícolas, conservação do território cultivável, além da educação agrícola, que poderia ser na modalidade ambulante.

Além disso, citações de autores estrangeiros e exemplos de práticas agrícolas, que na visão do periódico, foram de sucesso em outros locais, eram muito frequentes na folha. Tais exemplificações com referências estrangeiras poderiam ser tentativas do jornal de apontar caminhos e soluções para a crise agrícola brasileira. Melo (2009) ressalta que para referenciar a monarquia na imprensa, as palavras corriqueiras eram súditos, tirania, soberania de um, sagrado, privilégio, apatia, centralização, teologia; ficando evidente a demarcação entre passado e futuro e, ao mesmo tempo, a tentativa de modernizar a República que nascia.

Não muito distante desta realidade, no jornal *Cidade da Viçosa*, ainda na época de Carlos Vaz de Melo, foram encontradas notícias acerca da crise agrícola que o Brasil estava enfrentando. Aproximando-se da estratégia do uso de novas palavras para referir as velhas práticas, o jornal utilizou a nomenclatura “indústria agrícola”, que pode ser interpretada como a tentativa de modernização do campo, valorizando-o ou o colocando-o no mesmo patamar da indústria urbana e, ao mesmo tempo, se fazia transparecer como um mecanismo de resistência perante a crise:

Estabelecendo o sistema de vendas cooperativas para o algodão, em 1 de agosto de 1886, na assembleia reunida em Gleburme, verificou-se que a venda do algodão, naquele ano, tinha atingido a soma de 80 milhões de dólares, mais que dessa soma só 64 milhões tinha sido embolsados pelos produtores, e 16 milhões haviam sido passado aos

intermediários. (...) Associando-se então a associação dos operários denominada Cavalheiros do Trabalho, tornou-se aqueça poderosíssima, e ousou lançar seguinte programa: Abolição de todos os monopólios, proibição de aquisição de terras por estrangeiros, reforma do sistema de tarifas de transportes, suficiência do meio circulante, criação de caixas econômicas postais, a demissão dos negros como associados da liga, mas sem o direito de delegação a convenção nacional (...). Assim possam estas linhas, escritas e inspiradas pelo amor da terra natal (despontar do letargo em que se acham tão distintos e laboriosos concidadãos, que neste Estado se aplicarão a indústria brasileira) (Jornal Cidade da Viçosa. Ed. 02. Domingo, 20 de novembro de 1892. Localizado no Arquivo Central e Histórico da Universidade Federal de Viçosa).

No trecho acima, em vários momentos, são trazidas palavras que aparentam soar mais apropriadas ao republicanismo, como abolição e reforma do sistema de tarifas de transportes. Além disso, é possível pensar o Brasil do café que passa pela crise e inferir que a notícia apresenta alternativas para o seu enfrentamento, sendo uma delas, a formação de grupos de produtores, mais precisamente as cooperativas, que realizariam as vendas da produção sem os atravessadores do mercado. A formação dessas cooperativas auxiliaria no aumento dos lucros e diminuição dos custos. Da mesma maneira, temas relacionados ao cultivo de outras plantações, como o algodão, por exemplo, nesta e em outras reportagens, são constantes. O jornal aparenta trazer tais assuntos como forma de incentivo aos produtores, visto que, ao final do texto, é sugerida a aplicação das práticas citadas.

Um caminho viável para o melhor entendimento das notícias seria o resgate das origens do jornal e a identificação dos grupos políticos que eram próximos ao proprietário. Desta maneira, ressaltamos que o fundador do jornal *Cidade da Viçosa*, o advogado Carlos Vaz de Melo, dominou a política da região central de Minas Gerais no final do século XIX. Sendo os seus irmãos, de acordo com Souza (2010), Afonso Vaz de Melo, prefeito de Belo Horizonte, de 1916 a 1922, e Cornélio Vaz de Melo, também prefeito de Belo Horizonte, de 1914 a 1916, e deputado geral, de 1918 a 1929. Dessa forma, é perceptível que a família Vaz de Melo teve o poder de atuação prolongado na

política mineira, visto que, Carlos Vaz de Melo já era deputado geral desde o final do século XIX.

Como podemos perceber o jornal foi utilizado como mecanismo de propagação dos ideais republicanos, principalmente na construção de uma linguagem moderna de exaltação ao novo regime republicano. Além disso, o *Cidade da Viçosa* procurava traçar e construir o perfil burguês de homens, que mais adiante, poderiam ser projetados na política local.

4- CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Para que pudéssemos compreender a inserção política do jovem Arthur Bernardes no município de Viçosa, foi preciso afinar o nosso estudo acerca do estabelecimento das redes de contatos adquiridas por Bernardes ao longo de sua trajetória estudantil, de guarda livros da *Casa Telles* até a sua chegada ao cargo de vereador pelo distrito de Teixeira em 1905, pois, através da identificação dessas redes de contato, foi possível descobrir a existência de vários grupos, que possuíam tanto interesses comuns quanto divergentes.

Em vista disso, concordamos com a historiografia que considera que os diversos grupos políticos existentes na Primeira República brasileira não conviviam de forma harmônica a todo o tempo. Em outras palavras, eram construídas e desconstruídas as alianças de acordo com os interesses políticos existentes em cada situação.

Levando em consideração o que foi visto até aqui, acreditamos que o jornal *Cidade da Viçosa* foi fundamental na projeção política do jovem Arthur Bernardes na esfera municipal, haja vista que, identificamos que o impresso contribuiu muitíssimo com notícias econômicas locais e regionais.

Além disso, o semanário já construía uma imagem positiva de Bernardes, muito anteriormente à entrada do mesmo na família Vaz de Melo, o que permitiu, de certo modo, após a chefia de Arthur Bernardes no *Cidade da Viçosa*, um diálogo mais voltado aos interesses dos grupos que detinham o poder econômico local.

Vale ressaltar também que outras contribuições do *Cidade da Viçosa*, na projeção política de Arthur Bernardes, foram identificadas durante o levantamento das

reportagens, sendo algumas delas: o apoio à agricultura, a lavoura de café que se encontrava em crise, além do discurso de progresso muito enfatizado nas atividades agrárias, como a reformulação do crédito aos produtores, baixa nas tarifas no transporte ferroviário, introdução de controle biológico de pragas e mecanização da agricultura, que seria, basicamente, o uso de ferramentas como plantadeiras e o arado.

Desse modo, ao utilizar o jornal como mecanismo de divulgação dos assuntos anteriormente citados, Arthur Bernardes conseguiu apoio à sua candidatura como vereador especial e, dessa forma, ocorreu uma brusca ruptura nas alianças políticas entre Arthur Bernardes e outro antigo chefe local, José Teotônio Pacheco. As consequências dessa ruptura foram intensas disputas políticas nas eleições municipais.

Tudo indica que o grupo liderado por Bernardes permaneceu na liderança política local de modo muito vantajoso, pelo fato de o jornal *Cidade da Viçosa* ter sido direcionado, majoritariamente, para a força desse político e por ter trabalhado com os ideais de “progresso” agrícola, que de certo modo, cooptou o apoio de grande parte dos grupos que poderiam o sustentar na política local.

5- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

BARBOSA, Juarez. *Jornal, história e técnica: história da imprensa brasileira*. São Paulo: Ed. Ática. 1990.

CARVALHO, André Simplício. *Espaço urbano e população urbana em Viçosa*. Belo Horizonte: Cadernos do Leste. 2014.

GOMES, Ângela de Castro. ABREU, Martha. *A nova República Velha: um pouco de história e historiografia*. Revista do Departamento de História da UFF. Rio de Janeiro. v. 13. p. 11-24, 2009. *Minas e os fundamentos do Brasil Moderno*. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2005.

Jornal Cidade da Viçosa. Localizado em formato digital, no Arquivo Central e Histórico da Universidade Federal de Viçosa. 1892 a 1910.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

LEAL, Victor Nunes. Coronelismo, enxada e voto. São Paulo: Editora Alfa – Ômega, 1978.

MAGALHÃES, Bruno Flávio de Almeida. Arthur Bernardes: estadista da República. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora. 1973.

MALIN, Mauro. Bernardes, Arthur. In: ABREU, Alzira Alves. Dicionário histórico-biográfico da primeira república (1889-1930). Rio de Janeiro: Ed. FGV. 2015.

MELLO. Maria Tereza Chaves. A modernidade Republicana. Tempo. Vol.13, n.26, pp.15-31. ISSN 1413-7704. 2009.